

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ANA CRISTINA PONTELLO STAUDT

NOVOS TEMPOS, NOVOS PAIS?

O SER PAI NA CONTEMPORANEIDADE

PROFESSORA ORIENTADORA: DRA. ADRIANA WAGNER

PORTO ALEGRE

2007

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

NOVOS TEMPOS, NOVOS PAIS?

O SER PAI NA CONTEMPORANEIDADE

Dissertação apresentada no Curso de Mestrado em Psicologia, da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

ANA CRISTINA PONTELLO STAUDT

PROFESSORA ORIENTADORA: DRA. ADRIANA WAGNER

PORTO ALEGRE

2007

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ANA CRISTINA PONTELLO STAUDT

NOVOS TEMPOS, NOVOS PAIS?

O SER PAI NA CONTEMPORANEIDADE

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Adriana Wagner

Prof^a Dr^a Marlene Neves Strey

Prof Dr. César Augusto Piccinini

Porto Alegre – 2007

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Adriana Wagner, que além de profissional admirável, é também uma pessoa muito especial. Obrigada pelo incentivo, oportunidades proporcionadas e confiança em todos os momentos.

Ao professor Jorge Sarriera, fundamental no auxílio estatístico e atenção dispensada.

Aos colegas Bianca, Claudete e José Luiz pela parceria amiga e alegre.

Às doutorandas Clarisse, Eliana, Luíza e Luciana, pela experiência compartilhada.

Às bolsistas de iniciação científica, em especial Cristina e Patrícia, pela ajuda e colaboração indispensáveis.

Aos pais que compuseram a amostra estudada, obrigada por tornar esse trabalho possível.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro.

Aos meus irmãos Luís Fernando, Ana Cláudia e Ana Lúcia pelo carinho e apoio em todos os momentos que precisei. Agradeço também aos meus cunhados Teresa, Marcelo e Gustavo.

À minha mãe querida, que sempre esteve pronta para me auxiliar com muito amor.

Ao meu pai, que de alguma forma me inspirou para a escolha da temática deste trabalho. Obrigada por teus ensinamentos.

E ao meu marido, José Francisco, que sempre me incentivou, me apoiando e me mostrando seu amor todos os dias. Amo-te.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
ARTIGO TEÓRICO.....	7
ARTIGO EMPÍRICO.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
ANEXOS.....	59

INTRODUÇÃO

A presente dissertação estuda, desde a perspectiva da teoria sistêmica, o fenômeno da paternidade na contemporaneidade.

Este trabalho está composto, primeiramente, por um ARTIGO TEÓRICO intitulado PATERNIDADE EM TEMPOS DE MUDANÇA: UMA REFLEXÃO SOBRE A CONTEMPORANEIDADE, que realiza uma revisão teórica sobre o tema, enfocando a perspectiva sistêmica do fenômeno. Neste artigo, buscamos refletir as questões da complexidade que compõem os dias atuais e discutir como o homem vem se adaptando frente a estas demandas, mais especificamente no que diz respeito ao ser pai. Apresenta também, dados e reflexões de pesquisas atuais, denotando o que vem sendo discutido e pensado sobre a temática a nível nacional e internacional. Nesse sentido, percebemos que a paternidade é um fenômeno que merece maior atenção e que ainda carece de investigações em relação às demais temáticas acerca da família.

A seguir, apresentamos o ARTIGO EMPÍRICO, intitulado PATERNIDADE: UMA VISÃO MASCULINA E CONTEMPORÂNEA DO FENÔMENO. Este artigo apresenta os resultados encontrados na investigação que realizamos com 178 pais/homens de crianças em idade escolar, buscando conhecer como eles avaliam o próprio exercício paterno, além de verificar a perspectiva ideal que possuem deste papel. Neste sentido, avaliamos variáveis relacionadas com este aspecto, tais como a idade dos pais, o número de filhos que possuem, seu nível de escolaridade, situação conjugal e o fato de residirem ou não com os filhos. Além disso, verificamos as diferenças significativas entre a auto-avaliação do exercício paterno e sua perspectiva ideal.

Sendo assim, este documento está composto pelos ARTIGOS TEÓRICO E EMPÍRICO, respectivamente. Ao final, apresentamos as CONSIDERAÇÕES FINAIS que trazem nossas reflexões acerca da realização do curso de mestrado.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE

ARTIGO TEÓRICO

ANA CRISTINA PONTELLO STAUDT

**PATERNIDADE EM TEMPOS DE MUDANÇA: UMA REFLEXÃO SOBRE A
CONTEMPORANEIDADE**

PROFESSORA ORIENTADORA: DRA. ADRIANA WAGNER

PORTO ALEGRE

2007

RESUMO

A contemporaneidade pode ser classificada pela complexidade, o que inclui uma crescente diversidade quanto às suas formas de relação. Os dias atuais são permeados pela pluralidade das configurações familiares, pelas transformações no papel feminino, com a crescente participação da mulher no mercado de trabalho, pelo advento das novas tecnologias, que implicam em mudanças nas relações, entre outros. Dessa forma, vários papéis sociais estão em transformação, incluindo-se o papel masculino. Este estudo busca discutir como o homem vem se adaptando frente a estas demandas do mundo contemporâneo, mais especificamente no que diz respeito ao ser pai. A partir de uma perspectiva sistêmica, considera-se que a paternidade é construída na inter-relação de aspectos macro e microsistêmicos do contexto sócio-histórico-cultural em que se encontra. Nesta perspectiva, percebe-se que a definição de homem e de pai na contemporaneidade tem se tornado cada vez mais elástica e difusa. Dessa forma, coexistem elementos que reforçam a manutenção de uma estrutura mais tradicional nas relações, sendo a mãe identificada como principal responsável pelos cuidados com os filhos, e outros que atendem a demanda relacionada a uma maior inclusão e participação do homem na vida familiar e privada.

Palavras-chave: paternidade, contemporaneidade, relações familiares

ABSTRACT

Contemporary can be qualified for its complexity, including uprising diversity on the ways of relation. Present day is ruled by plurality on family configurations, transformations on feminine roles, the growing participation of women in professional activities, by the discovery of new technologies, implying in changes in the relations, among others factors. Because of that, many social roles are transforming, including the masculine. This study aims to discuss how men are adapting to these demands of contemporary world, more

specifically when it comes to being a father. Starting on a systemic perspective, paternity is considered to be constructed in the inter-relation of macro and micro systemic aspects of the social-historic-cultural context where it is situated. In this perspective, the definition of man and father in contemporary days is noticed to be getting more elastic and diffuse. Thus, reinforcing traditional relations elements coexist, being the mother identified as the main responsible for children care, with other elements representing the demand related to a bigger inclusion and participation of the man in the private and family life.

Keywords: paternity, contemporary, family relations

INTRODUÇÃO

Vivemos em um momento de transição, de complexidade e sendo assim, de instabilidade. E talvez por isso se fale tanto na incerteza destes novos tempos. Dizemos isso refletindo acerca das relações que estabelecemos no nosso século, o século do pós-modernismo, da globalização, da relativização do conhecimento, da fluidez dos conceitos e dos valores. Como lidar com esse contexto mutante em nosso dia-a-dia na relação com os filhos, com os pais, com os amigos, com o trabalho e com tantas outras formas de interação tão fundamentais? Este parece ser um dos desafios essenciais da atualidade.

Sendo assim, a diversidade presente nas relações interpessoais é um dos marcos da contemporaneidade. Não se pode falar em novos tempos sem mencionar essas mudanças na dinâmica das relações. Neste sentido, parece que vivemos em um momento de dúvidas quanto ao ser e estar no mundo, já que o papel de cada um, nos diversos grupos que compomos, está cada vez menos definido, no qual referenciais de gerações anteriores já não dão conta de responder totalmente às demandas da sociedade atual.

Dessa forma, é importante ressaltar que a família está diretamente ligada aos processos de transformação da cultura, participando da mesma fluidez e fragmentação da sociedade contemporânea. Sendo assim, famílias divorciadas, recasadas, adotivas, monoparentais, chefiadas por homens ou mulheres, produções independentes, uniões homossexuais, entre tantas outras configurações, vêm perfilando a família de uma maneira cada vez menos uniforme e mais complexa. Neste sentido, já não podemos falar em família, no singular, mas sim no conceito de famílias, considerando sua pluralidade e diversidade (Gracia & Musito, 2000).

Neste contexto, é imprescindível falar nas progressivas mudanças do papel feminino nas últimas décadas e da importância deste fenômeno nas relações atuais, estando cada vez mais ampliado. O movimento feminista, que teve como uma de suas conseqüências a entrada

da mulher no mercado de trabalho, é um importante fator nestas mudanças familiares e sociais, onde espaços tradicionalmente masculinos estão cada vez mais ocupados pelas mulheres. Segundo dados do IBGE (2006), elas já são 45,4% da população economicamente ativa no país. O fato da mulher não estar mais restrita ao mundo doméstico e ter conquistado maior liberdade sexual, veio de encontro aos arranjos tradicionais da organização social e familiar, e, certamente, vem alterando comportamentos (Oliveira & Pelloso, 2004).

Da mesma forma, encontram-se as novas demandas do papel masculino. Fala-se inclusive em um “novo homem”, mais participativo na vida afetiva e familiar, dividindo com a mulher os âmbitos público e privado, onde as concepções de homem ligadas à macheza, virilidade e força vêm sendo fortemente questionadas. Este suposto novo padrão aparece como uma das transformações importantes nas relações parentais da família contemporânea, sendo que o papel do pai vem sendo cada vez mais discutido e repensado (Badinter, 1986; Parker, 1998; Unbehau Ridenti, 1998; 2001; Morgan, 2004).

Frente a esse panorama, buscamos refletir o papel do homem nessa rede de mudanças, e, mais especificamente, desse homem enquanto pai e sua interação na dinâmica familiar. Buscamos compreender de que forma esses aspectos se vinculam na concepção e na vivência da paternidade. Neste sentido, levantamos as seguintes questões: Será que existe de fato um “novo homem” e conseqüentemente um “novo pai”? De que forma as relações familiares vêm configurando estes ditos novos papéis?

UMA VISÃO ECOSSITÊMICA DA PATERNIDADE

Para compreender e discutir a paternidade, partimos não só do contexto no qual o fenômeno se insere, como também buscamos considerar as inter-relações entre os sistemas que o compõem. Com esta premissa, torna-se impossível enxergar a paternidade sob um único prisma. Pelo contrário, um caleidoscópio de aspectos se desenha na forma de concebê-

la, e, conseqüentemente, vivê-la. Nessa perspectiva, escolhemos a visão ecossistêmica da realidade, buscando a integração entre o todo e suas partes em um processo contínuo de trocas mútuas (Bronfenbrenner, 1996; Vasconcellos, 2002; Moraes, 2004; Freijó, 2004).

Nesse caso, podemos pensar que as diversas formas de vivenciarmos os papéis que desempenhamos em nosso contexto influenciam e são influenciadas pelas partes que os constituem, caracterizando um *dinamismo relacional* não só entre os indivíduos, mas entre os indivíduos e a cultura, entre os indivíduos e suas crenças, seus modos de pensar, ser e agir no mundo. Conforme Moraes (2004), podemos reconhecer nossas ações como ações *ecologizadas*, ou seja, influenciadas pelos pensamentos, crenças, valores, ações e reações daqueles e daquilo que nos cerca.

Sendo assim, inicialmente é importante pensarmos a respeito do desenvolvimento e do estabelecimento das relações sociais entre os grupos humanos ao longo do tempo. Os agrupamentos sociais humanos, em sua história, desenvolveram diversas formas de organizarem-se, criando para isso diversas regras que prescrevem como deve ser o desempenho de seus diversos papéis. A família é um destes segmentos, onde as atribuições de cada membro podem ser pensadas como um recurso para organizar os grupos humanos e mantê-los dentro de determinada ordem. Dessa forma, podemos pensar que a família também possa funcionar como possível objeto ideológico nas sociedades, como um estereótipo produzido e potencializado com a finalidade de exercer certos tipos de controle social e subordinação. No caso do sistema patriarcal, por exemplo, podemos identificar este processo no que diz respeito às relações de gênero. Nesta forma de organização, tradicionalmente, a mulher sempre ocupou um papel de subjugação em relação à figura masculina (Gracia & Musito, 2000).

Neste sentido, as formas de organizar a família e a sociedade acabam tornando-se normas internalizadas pelas pessoas por gerações e gerações e consideradas, com frequência,

como naturais e inatas, acabando por fazer parte do imaginário social. Isso se reflete na definição, por exemplo, do que é ser mãe, filho, pai, criança, homem, mulher, sem que essas formas de relação, muitas vezes, sejam questionadas, garantindo o desempenho previsto de cada papel (Meler, 2000).

Ao entendermos que as interações sociais e o desempenho de seus diversos papéis organizam-se sistemicamente, temos que considerar que estão afetados por variáveis dos contextos macro e microssistêmicos que, por sua vez, interagem entre si. Isto quer dizer que a estrutura sócio-histórico-cultural de determinada sociedade permeia a vida de homens e mulheres, e, certamente, tem efeito sobre o pensar e o agir sobre a paternidade e a maternidade, por exemplo. Da mesma forma, o próprio grupo de iguais, o ambiente profissional, os vizinhos, os colegas, os amigos, os parentes, possuem um forte poder transmissor e formador de idéias e comportamentos. Assim, além das questões macrossistêmicas, importantes questões dos diversos microssistemas de cada sujeito atuam fortemente em sua forma de ver e ser no mundo, configurando uma questão fundamental: a *causalidade circular* das interações, caracterizando a interdependência dos contextos (Moraes, 2004; Vasconcellos, 2002; Coltrane, 2006; Chorvat, 2006).

Outro aspecto de fundamental relevância na composição das formas de pensar e agir de cada indivíduo é o processo transgeracional. Isto quer dizer que aquilo que é aprendido e transmitido entre sucessivas gerações dentro do grupo familiar de cada sujeito, se expressa diretamente na concepção de mundo de cada um. Conforme Falcke & Wagner (2005), é possível identificar a força do legado familiar na transmissão de seus valores, crenças, normas e mitos de geração a geração nas mais diversas culturas. Esse processo baseia-se no pressuposto de que todo o indivíduo se insere em uma história que já existe antes mesmo dele nascer, ao qual deve adaptar-se e corresponder. Por serem as relações familiares tão marcantes e influentes na vida do sujeito, elas acabam por representar a base do

comportamento futuro sem que o sujeito se dê conta da força que ela supõe em suas escolhas e decisões. Neste sentido, a liberdade de escolha, na verdade, apresenta-se atrelada às relações familiares, que, por sua vez, estão permeadas pelo contexto em que se localizam (Costa, 2000).

E o que acontece quando começam a haver transformações nestes processos sociais e as relações passam a organizarem-se de forma diferente daquela que nos foi ensinada? Sabemos que hoje em dia as relações têm demandado revisões de valores, papéis e comportamentos, como no caso da paternidade. Será que é possível a desvinculação daquilo que aprendemos e criar novas formas de interação?

Para pensar estas questões é fundamental considerarmos que não é processo fácil romper com papéis que foram instituídos social e historicamente como referenciais de identificação. A possibilidade do novo, onde as referências conhecidas não servem mais como modelo a ser seguido, certamente é fonte geradora de angústia e ansiedade. Neste sentido, a masculinidade, entendida a partir da noção de um modelo construído dentro de um contexto *multinfluenciado*, não é universal, e sim variável através dos tempos e dos espaços (Arent, 1999; Halford, 2006). Sendo assim, o pai ocidental, que vem se desenvolvendo em um sistema capitalista com fortes heranças do patriarcado em sua forma mais arcaica, certamente possui características que correspondem às exigências e pressupostos deste cenário.

No entanto, a contraponto da história, existe a demanda de um pai mais participativo e envolvido na criação dos filhos. Neste sentido, é importante considerar que outros aspectos foram sendo modificados para que este “novo pai” fosse solicitado. Neste panorama, encontramos um aspecto fundamental, que se refere às modificações relativas ao papel feminino. Fala-se que a mulher da contemporaneidade está diferente, com maior independência emocional e financeira, que também está mais ativa e com maior liberdade

sexual. Além das modificações que isto tudo vem gerando na vida das mulheres de hoje, essas mudanças certamente tiveram um papel importante no processo de transformação e questionamento do masculino, como um agente alavancador de um homem mais capaz de trocas afetivas e de demonstração de fragilidades (Diehl, 2002). Assim, podemos considerar que a entrada das mulheres no mercado de trabalho, de alguma forma, impulsionou e favoreceu a ampliação do envolvimento dos homens na esfera doméstica e no cuidado com os filhos, abrindo a possibilidade de novas formas de interação entre homens e mulheres, e, conseqüentemente, entre pais e filhos (Lamb, 1986).

No entanto, é importante salientar que o crescimento da participação feminina na esfera pública não é proporcional ao crescimento do homem na esfera privada, ainda que existam muitos homens desempenhando tarefas domésticas e de cuidado com os filhos. Historicamente, a tarefa de cuidar tem sido associada ao gênero feminino, aspecto certamente reforçado socialmente com o fato da gravidez e da amamentação. Por outro lado, a paternidade não passa por este mesmo processo, definindo-se a partir de uma construção cultural e social bastante identificada com esse determinismo biológico do gerar e do amamentar.

Assim, mesmo que atualmente o pai pareça estar assumindo um papel mais participativo na vida dos filhos, as crenças e valores presentes no imaginário social não se transformam abruptamente. Concomitantemente a esta demanda de um homem mais presente na vida privada, observamos que ainda persiste no senso comum a vinculação da maternidade a uma aura idealizada, diferente da paternidade. Dessa maneira, as mulheres acabam assumindo a tarefa de corresponder a esse papel idealizado que culturalmente lhes é imposto, e que acabam fazendo parte daquilo que elas mesmas acreditam. Existe assim, uma expectativa de que o amor materno seja incondicional, capaz de colocar qualquer outro projeto de vida das mulheres em segundo plano, havendo, ao mesmo tempo, uma forte

pressão para que isso se cumpra (Badinter, 1985; Grzybowski, 2002). Muitas mães sentem-se culpadas se assim não agirem ou não sentirem, o que acaba reforçando e perpetuando esse mito do amor materno. Da mesma forma, não é incomum que muitos pais também tenham essa crença de que os filhos não podem ficar sem os cuidados da mãe, já que a mulher estaria instintivamente e naturalmente mais preparada para desempenhar tal função, sendo o aspecto biológico não apenas influente, mas determinante nesta relação, sendo o cuidado masculino considerado dispensável em muitos casos (Miall & March, 2003). Esta forma de perceber, de alguma maneira, pode incidir em um processo que não é incomum em muitas famílias: a desresponsabilização paterna frente aos cuidados e envolvimento com os filhos. No entanto, esse processo que nem sempre é consciente, é compartilhado e até mesmo incentivado pelas próprias mulheres e pela sociedade em geral. Sendo assim, o ser mãe e ser pai revelam a impossibilidade de um arranjo inteiramente individual, sendo preciso pensar os efeitos do funcionamento social, o qual cria obstáculos diante da possibilidade de desenvolvimento de singularidades, a partir de uma lógica onde tudo parece “natural” e legítimo (Meler, 2000; Ridenti Unbehaun, 2001; Machado, 2005).

Um interessante estudo norte-americano realizado por Anderson & Hamilton (2005), que buscou analisar o conteúdo de 200 livros infantis utilizados proeminentemente durante os anos de formação das crianças, revelou que as histórias lidas reforçam muitos estereótipos de gênero. Nesses livros, os homens tendem a assumir uma postura de líderes mais ativos e as mulheres como suas seguidoras, numa postura mais passiva. Este estudo ainda salienta que as mulheres são associadas aos cuidados domésticos de forma expressiva, e quando assumem algum tipo de função profissional, esta se dá de maneira estereotipada. Quanto à representação da figura paterna nas histórias, em geral, estas não são representadas e quando o são, relacionam-se a pais ineficazes. Ou seja, a literatura infantil presente descreve

modelos deficientes de paternidade, o que certamente contribui para a manutenção de funções estereotipadas.

Assim, conforme Diehl (2002), os homens foram sendo colocados frente a uma situação, de certa forma, paradoxal. Ainda que de forma menos intensa, a educação dos meninos, ainda hoje, está mais fortemente voltada para a agressividade, a virilidade e a força, numa postura ativa frente à sociedade. Ao mesmo tempo, estes meninos tiveram de passar a se comportar e a sentir de forma, muitas vezes, oposta àquela em que sua personalidade foi estruturada, na busca por atender às expectativas da atualidade em torno de suas atribuições e comportamentos. Neste sentido, existem controvérsias quanto às transformações no papel do pai. Ao mesmo tempo em que alguns pais têm assumido com maior frequência e qualidade os cuidados dos filhos, essas mudanças parecem estar sendo ainda ensaiadas, não tendo sido ainda possível romper com a dicotomia entre o que é feminino e o que é masculino (Fleck, Falcke e Hackner, 2005).

Frente a esta dicotomia, encontra-se um importante aspecto a ser pensado. Em meio a busca masculina por uma maior aproximação daquilo que tradicionalmente cabia às mulheres, existe uma grande preocupação frente ao quanto esta nova postura pode ou não interferir na manutenção da masculinidade. Muitos homens acabam encontrando-se frente ao dilema de estar mais engajado àquilo que estão lhe exigindo para acompanhar as transformações contemporâneas, e, ao mesmo tempo, temerosos em não comprometer sua imagem de virilidade e de *macho* frente a toda uma sociedade que estimula e valoriza tal característica. Neste sentido, estas preocupações não se restringem aos homens, visto que muitas mulheres também têm esse receio em relação ao sexo oposto, seja nas relações que estabelecem com eles, seja na criação de seus filhos.

Sendo assim, ao falarmos em processos de mudanças de valores e normas sociais, não podemos desvinculá-lo de muita batalha na cultura e na sociedade. Conforme Gomes e

Resende (2004), nossa cultura sempre reservou para a mulher a trama doméstica, sendo que esta situação vem mudando lenta e progressivamente. No entanto, nem sempre a mudança em alguns hábitos caminha junto com a mudança de seus valores, o que significa que ainda que haja transformações acontecendo nos papéis masculinos e femininos, ainda há importantes marcas da estrutura tradicional no imaginário social.

Estas afirmações tornam-se mais claras se tomarmos como exemplo duas funções sociais muito importantes: a política e a educação. O mundo da política sempre foi tradicionalmente um espaço masculino, com a exigência de uma postura ativa, competitiva e ousada. A história das mulheres neste campo é ainda muito recente e muito inferior a dos homens em termos numéricos. As mulheres que se aventuram neste campo, provavelmente possuem um encargo a mais: provar que são capazes de estarem lá e realizarem suas tarefas com competência. Já na educação, esta situação se inverte ainda mais fortemente se pensarmos em termos de educação infantil. São raras as escolas que possuem um homem à frente de uma turma de crianças, sendo objeto até mesmo de rechaço quando nesta situação. As mulheres são as “donas” deste campo, pois são consideradas mais sensíveis e melhores cuidadoras que os homens. Neste sentido, parece que as dicotomias estão sendo vivenciadas dos dois lados.

Para exemplificar, não são poucos os autores que reconhecem em seus estudos e pesquisas (Mota, 1998; Arent, 1999; Jablonsky, 1999; Machado, 2005; Johnson, 2005), a presença de elementos bastante tradicionais em relação ao ser homem e ao ser pai mesclados com novas demandas acerca da masculinidade e da paternidade. Em pesquisa realizada por Henwood & Procter (2003), com homens ingleses entre 18 e 35 anos, a definição de homem e paternidade não aparece de forma clara, havendo elementos que sustentam a hegemonia masculina nas relações e outros que aludem mais fortemente à posição inclusiva do homem na vida familiar e privada em um mesmo discurso. Um estudo realizado tanto nos Estados

Unidos (Johnson, 2005), quanto outros dois realizados no leste europeu (Chorvat, 2006; Dudova, 2006), revelam que os homens ainda carregam, de forma mais acentuada, a responsabilidade do sustento familiar em diferentes contextos, mesmo no caso de casais em que ambos os cônjuges trabalham fora e colaboram de forma igualitária economicamente. Isto nos reforça a idéia de que em grande parte das culturas, o trabalho masculino ainda é tido como mais importante que o feminino (Parke, 1998; Bornholdt, 2006).

Podemos pensar que os homens/pais da contemporaneidade enfrentam diversas contradições também no âmbito legal ao buscar exercer sua paternidade de forma a atender as novas demandas sociais. Ao lermos a CLT - Consolidação das Leis Trabalhistas (2005), por exemplo, encontramos a forte disparidade em relação às licenças maternidade e paternidade, com 120 e 5 dias de licença concedidos, respectivamente. Vale lembrar que até 1988, esse direito não era dado aos homens. A guarda dos filhos em processos de separação conjugal também ajuda a ilustrar esse fenômeno. Ainda que venham acontecendo alguns avanços, como as guardas alternadas e compartilhadas, sabe-se que a primazia materna no cuidado e proteção dos filhos é ainda uma realidade. A retirada da guarda materna acaba se dando, na prática, por alguma incapacidade ou impossibilidade da mãe. A mulher está amparada pela lei e respaldada pelo senso comum de que a ela compete a tarefa de educação na família (Wagner, 2002). Neste sentido, vale considerar que os aspectos legais também contribuem na manutenção de um modelo mais tradicional de parentalidade, pois se encontram ainda fortemente atreladas às dicotomias frente aos gêneros masculino e feminino (Deutsch, 2001).

Da mesma maneira, muitas vezes os próprios homens acabam sentindo-se despreparados ou menos capacitados que as mulheres para assumirem sozinhos a responsabilidade pelos filhos, como demonstrado na pesquisa de Unbehaun Ridenti (1998), ao entrevistar dez homens brasileiros casados sobre o direito paterno de reivindicar a

custódia dos filhos. Ainda que todos reconhecessem que o homem possui este direito, apenas dois foram taxativos ao afirmar que reivindicariam a guarda dos filhos no caso de separação conjugal. Neste caso, parece que muitos homens acolhem a idéia da maior relevância da mãe na vida dos filhos e sua maior habilidade nesta situação, principalmente se os filhos forem pequenos. Nesta mesma pesquisa, os pais relataram perceberem-se mais importantes na vida dos filhos no período da adolescência, reforçando a idéia dos pais como figura de autoridade e impositora de limites, mais fortemente do que as mães.

Ainda assim, vale lembrar que é crescente o número de pais/homens que tem se mostrado disponíveis e desejosos de ficarem com a responsabilidade da criação dos filhos (Wagner, 2002; Halford, 2006; Silverstein, Auerbach & Levant, 2002). Para isso esforçam-se por construir uma paternidade com maior envolvimento, buscando novas acomodações entre a paternidade e a vida profissional, num desafio constante de reconstruir e redefinir este papel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar problematizar a paternidade na contemporaneidade, é preciso ter um olhar cuidadoso sobre os diversos aspectos que permeiam este fenômeno. O primeiro deles é a identificação das nuances desta contemporaneidade, que tornam as relações cada vez menos generalizáveis, principalmente se considerarmos que cada vivência humana pertence a um contexto sócio-histórico-cultural determinado. A partir de uma visão relacional, cada aspecto implicado em determinado fenômeno possui grande relevância na sua construção e expressão e por isso devem ser pensados um a um.

Neste caso, um dos fatores que consideramos fundamental foi a mudança do papel feminino e suas implicações na concepção do masculino. Falamos que a mulher, provavelmente, possui papel importantíssimo como um impulso na demanda por um homem

mais engajado na vida familiar e mais participativo nas questões subjetivas das relações. Neste cenário, acreditamos fundamental considerar o contexto que permitiu ou propiciou a saída da mulher da esfera doméstica, levando em conta aspectos que vão além de aspirações pessoais, os quais ouvimos falar com maior frequência, como a busca das mulheres por maior liberdade, autonomia e realização pessoal. Pensando no contexto mais amplo, identificamos um fator extrínseco que também possui papel importante: o fator econômico. Há algumas décadas, o rendimento masculino conseguia de forma mais eficiente dar conta do sustento de um grupo familiar (ainda que a mulher ajudasse com trabalhos informais nas classes mais baixas, como lavar roupa para fora, costurar, fazer artesanato, entre outros). Entretanto, o aumento das cidades, o crescimento populacional, o acirramento da concorrência com menores ofertas de emprego, o desenvolvimento cada vez mais intenso da sociedade capitalista implicada em lucros, na individualidade e no consumismo, certamente contribuíram enormemente para que surgisse a necessidade do aumento de ingresso econômico na família, levando a mulher a sair de casa e buscar trabalho. Em muitos casos, as conseqüências deste processo não são percebidas como positivas, mas desencadeadoras de estresse e descontentamento pessoal, visto que muitas mulheres passaram a acumular funções à medida que a inserção masculina nas tarefas domésticas não cresceu na mesma proporção.

Além disso, ainda que a mulher esteja atuando no mundo de forma mais ativa, ao mesmo tempo, ela precisa constantemente dar provas de suas capacidades e potencialidades. Para isso, enfrenta um mundo de trabalho que privilegia o homem e que muitas vezes a mantém à sua sombra. A mulher se vê obrigada a lutar diariamente para conquistar mais espaço na vida pública, e quando o faz, necessita reafirmá-lo todos os dias.

Entretanto, algo muito semelhante acontece com os homens. Assim como a mulher batalha para mostrar-se capaz no mundo profissional, o homem também tem que enfrentar

muitas barreiras para obter credibilidade na esfera doméstica. Para conseguir espaços igualitários dentro de casa, também precisa lutar diariamente e reafirmar esta conquista quando a obtém, já que sempre foi visto com descrédito quanto às suas possibilidades neste campo.

No entanto, é possível se pensar que os homens tenham um aspecto dificultador neste processo. O homem enfrenta um preconceito em relação à sua masculinidade mais intenso do que as mulheres em relação a sua feminilidade. Provavelmente, em termos de sexualidade, um homem sofresse maior discriminação ao buscar exercer papéis originalmente femininos do que as mulheres ao exercerem funções originalmente de cunho masculino. A questão masculina parece estar mais fortemente impedida ou dificultada por este fenômeno, que vai além da comprovação de capacidade e competência como no caso das mulheres. A mulher pode ser vista como tentando ocupar um mundo do qual não teria condições de dar conta, enquanto os homens estariam deixando de ser homens.

Tudo isto se apresenta de forma muito sutil, visto que atualmente estes estereótipos aparecem de forma mais velada, menos explícita, onde muitas vezes o discurso não corresponde à prática. Por exemplo, como uma sociedade que vem pregando um homem mais sensível e participativo nas relações afetivas oferece condições trabalhistas tão díspares entre homens e mulheres, como no caso da licença paternidade e nos casos de guarda em situação de divórcio? Sabemos que já houve avanços legais neste sentido, mas que ainda não dão conta ou não acompanham aquilo que se afirma no discurso. Neste sentido, fica a seguinte questão: até que ponto será que a contemporaneidade de alguma forma não mascara a manutenção do tradicional?

É importante salientar que estes aspectos fazem parte do imaginário das pessoas sem mesmo que elas se dêem conta, pois a transmissão de crenças e valores que circulam no

macro e nos microssistemas de determinado contexto, acrescido das questões transgeracionais, compõem a forma de ser e estar dos sujeitos.

Neste sentido, muitos de nós, homens e mulheres, estamos aprisionados na força da interação destes sistemas contextuais que, muitas vezes, perpetuam comportamentos e idéias acerca do que é certo e errado, normal ou patológico. A determinação de estereótipos sócio-histórico-culturais acabam regendo e valorando as relações num processo contrário à expressão da subjetividade e da singularidade de cada sujeito.

Por outro lado, “há uma luz no fim do túnel”, já que, ao mesmo tempo em que corremos o risco do aprisionamento, temos a possibilidade de ruptura com a determinação social dos papéis. Para isso, é necessário um processo de conscientização dos aspectos que estão implicados na nossa forma de ver, perceber e agir nas nossas vidas. A partir do momento que nos tornamos conscientes destas relações, abre-se a possibilidade de questionamento e transformação. Uma tomada de consciência dos fenômenos sociais enquanto processo de construção permeado pelo contexto mais complexo, que vão além das características individuais de cada um, é o primeiro passo num processo de mudança, que nos habilita a fazer escolhas mais conscientes em relação àquilo que de fato desejamos.

O desenvolvimento da tecnologia, e, conseqüentemente, da globalização de informações, são outros importantes fatores da contemporaneidade. Entretanto, quando falamos em quebra de estereótipos e redefinição de papéis, parece que ainda caminhamos de forma isolada, onde mobilizações e tentativas de mudança ocorrem em determinados grupos, como grupo de pais, movimentos homossexuais, feministas, organizações não-governamentais, entre tantas outras que lideram ou desencadeiam pequenas transformações, tendo que enfrentar toda uma sociedade nem sempre atenta às origens de seus valores.

Ao mesmo tempo, todas essas contradições acabam gerando um fenômeno muito característico da contemporaneidade: a coexistência de modelos. Isto quer dizer que vivemos

em tempos de pluralidade, onde aspectos que tangem modelos mais tradicionais de relação convivem com modelos inovadores de interação, sendo que, outros tantos, caracterizam-se pela mescla destes dois fatores. Esta reflexão revela a necessidade de um tempo de amadurecimento das variáveis implicadas neste fenômeno, visto que este encontra-se ainda em um período de construção.

Neste sentido, pensar a paternidade, ou seja, o ser pai nos nossos dias, é considerar a interrelação e a interdependência de todos estes aspectos e de outros tantos que não abordamos aqui, devido às limitações do nosso olhar, por também estarmos mergulhados nos ditames de nosso contexto.

Buscar definições em um período de indefinições não é tarefa fácil, e talvez seja até mesmo desnecessário. Por isso, não temos como objetivo a criação ou definição de um novo paradigma nem de uma nova determinação social sobre o ser pai, e sim uma tentativa de ampliação e diversificação deste papel, que possibilite acima de tudo o questionamento de modelos que criam e recriam a nossa subjetividade e que permita uma vivência mais plena de nossas vidas.

REFERÊNCIAS

Anderson, D. A.; Hamilton, M. (2005). Gender Role Stereotyping of Parents in Children's Picture Books: The Invisible Father. *Sex Roles*, 52(3-4), 145-151.

Arent, M. (1999). A crise do macho. In. Strey, M.N. (coord). *Gênero por escrito: Saúde, Identidade e Trabalho*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Badinter, E. (1986). *Um é o outro*. Rio de Janeiro: Imago.

Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado – O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bornholdt, E.A. (2006). *Início de la Intercción Padre-Bebé: Perspectiva Histórica, Política, Social y Académica*. Tesis de Doctorado. Universidad del Salvador, Buenos Aires: Argentina.

Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Chorvat, I. (2006). Towards some aspects of childcare and housework from the gender perspective. *Sociologia* 38(1), 31-48.

Coltrane, S. (2006). The Package Deal: Marriage, Work and Fatherhood in Men's Lives. *Men and Masculinities*, 8(3), 380-381.

Costa, G. P. (2000). *A cena conjugal*. Porto Alegre: Artmed.

Consolidação das Leis do Trabalho/ (compilação de) Armando Casimiro Costa, Irani Ferrari, Melchíades Rodrigues Martins. 32^a. ed. São Paulo: LTr, 2005.

Deutsch, F. M. (2001). Equally shared parenting. *Current Directions in Psychological Science*, 10, 25-28.

Diehl, A. (2002). O homem e a nova mulher: novos padrões sexuais de conjugalidade. In. Wagner, A. (org). *Família em Cena: tramas, dramas e transformações*. Rio de Janeiro: Vozes.

Dudova, R. (2006). Old obligations in the modern world: The father as provider before and after divorce. *Sociologicky Casopis-Czech Sociological Review*, 42(3), 573-590.

Falcke, D.; Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In. Wagner, A. (org). *Como se perpetua a família?: a transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Fleck, A.C.; Falcke, D.; Hackner, I.T. (2005). Crescendo menino ou menina: a transmissão dos papéis de gênero na família. In. Wagner, A. (org). *Como se perpetua a família?: a transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

- Freijo, E.A. (2004). *Familia y Desarrollo Psicológico*. Madri: Pearson Prentice Hall.
- Gracia, E.; Musito, G. (2000). *Psicologia Social de la Familia*. Barcelona: Paidós.
- Gomes, A. J. S.; Resende, V. R. (2004). O Pai Presente: O Desvelar da Paternidade em Uma Família Contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20, 119-125.
- Grzybowski, L.S. (2002). Famílias monoparentais: Mulheres divorciadas chefes de família. In. Wagner, A. (org). *Família em Cena: tramas, dramas e transformações*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Halford, S. (2006). Collapsing Boundaries? Fatherhood, Organization and Home-Working. *Gender Work & Org*, 13, 383-402.
- Henwood, K.; Procter, J. (2003), The 'good-father': Reading men's accounts of paternal involvement during the transition to first-time fatherhood. *British Journal of Social Psychology*, 42, 337-355.
- IBGE (2006). Estatísticas de registro civil. Rio de Janeiro.
- Jablonsky, B. (1999). Identidade masculina e o exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos. In. Feres-Carneiro, T. (org). *Casal e Família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: Nau.
- Johnson, M.K. (2005). Family roles and work values: Processes of selection and change. *Journal of Marriage and the Family*, 67(2), 352-369.
- Lamb, M. (1986). The changing roles of fathers. In. Lamb, M. *The father's role: applied perspectives*. New York: University of Utah.
- Meler, I. (2000). La Masculinidad. Diversidad y Similitudes Entre Los Grupos Humanos. In: Burin, M & Meler, I (org) *Varones: Género y Subjetividad Masculina*. Buenos Aires: Paidós.
- Machado, P.S. (2005). O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. *Cadernos Pagu*, 24, 249-281.

Miall, C.; March, K. (2003). A Comparison of Biological and Adoptive Mothers and Fathers: The Relevance of Biological Kinship and Gendered Constructs of Parenthood. *Adoption Quarterly*, 6(4), 7-39.

Moraes, M. C. (2004). *Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Mota, M.P. (1998). Gênero e sexualidade: fragmentos de identidade masculina nos tempos da Aids. *Cadernos de Saúde Pública*, 14(1), 145-155.

Morgan, D.H.J. (2004). Men in Families and Households. In: Scott, Jacqueline (Ed); Treas, Judith (Ed); Richards, Martin (Ed). *The blackwell companion to the sociology of families*. Malden, MA, US: Blackwell Publishing.

Oliveira, A.F.; Pelloso, S.M. (2004). Paradoxo e conflitos frente ao direito de ser mulher. *Acta Scientiarum. Health Sciences*, 26(2), 279-286.

Parke, R. (1998). *El papel del padre*. Madrid: Morata.

Silverstein, L.B.; Auerbach, C.F.; Levant, R.F. (2002). Contemporary fathers reconstructing masculinity: Clinical implications of gender role strain. *Professional Psychology: Research and Practice*, 33(4), 361-369.

Unbehaun Ridenti, S.G. (1998). A desigualdade de gênero nas relações parentais: O exemplo da custódia dos filhos. In: Arilha, M.; Unbehaun Ridenti, S. G.; Medrado, B. (orgs). *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: Ecos/Editora.

Unbehaun Ridenti, S.G. (2001). Paternidades e masculinidades em contextos diversos. *Revista Estudos Feministas*, 9(2), 632-633.

Vasconcelos, M.J.V. (2002). *Pensamento Sistêmico: O Novo Paradigma da Ciência*. São Paulo: Papirus.

Wagner, A. (org) (2002). *Família em Cena: tramas, dramas e transformações*. Rio de Janeiro: Vozes.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE

ARTIGO EMPÍRICO

ANA CRISTINA PONTELLO STAUDT

**PATERNIDADE: UMA VISÃO MASCULINA E CONTEMPORÂNEA DO
FENÔMENO**

PROFESSORA ORIENTADORA: DRA. ADRIANA WAGNER

PORTO ALEGRE

2007

RESUMO

As relações do século XXI podem ser caracterizadas pela complexidade, o que se expressa em diferentes aspectos, como nas relações familiares, sociais, valores, crenças. Sendo assim, fatores como gênero, transgeracionalidade e a coexistência de antigos padrões e novas demandas relacionais, compõem a construção dos papéis contemporâneos. Neste estudo, buscamos conhecer como os pais/homens da atualidade avaliam e vivenciam o papel paterno. Para isso, utilizamos a Escala de Estilo Paterno (Bornstein, 1996). Esta se divide em questões que se referem a auto-avaliação do exercício paterno real e à perspectiva ideal dos sujeitos sobre a paternidade. Este estudo nos mostra que a figura paterna, tanto na prática, quanto em uma perspectiva ideal, relaciona-se ainda mais fortemente a uma figura de autoridade, segurança e provimento, como nos modelos mais tradicionais de relação. Entretanto, os pais estão mais afetivos e desejosos de demonstrar seus sentimentos para os filhos. Mas, justamente os comportamentos que aludem a uma interação direta, ainda ficam atrás dentre as tarefas exercidas e reconhecidas como paternas. Isso nos remete ao fato de que são as mães que ainda estão mais envolvidas nestas tarefas de acompanhar e interagir com suas crianças.

Palavras-chave: Paternidade, complexidade, relações familiares

ABSTRACT

Relations in the 21st century can be characterized by its complexity, expressed in different aspects like in the relations inside the family, society, the values and beliefs. Thus, factors as gender, transgeneration and the coexistence of old patterns and new relation demands compound the construction of contemporary roles. In this study, we search for the way that today's fathers/men evaluate and live the paternal role. To do that, we used the Paternal Scale. This scale is divided in issues, referring to real paternal exercise self-evaluation and to

the ideal perspective of subjects relating to paternity. This study demonstrates that the paternal figure, in a practical way as well in as in ideal perspective, relates even more strongly to an authority, security and providence figure, like the most traditional models of relation. However, fathers are now more affective and desiring to show their feelings to their sons. But the very same behaviors of direct interaction still stay behind between this tasks known as paternal's. This reminds us that mothers are, yet, the ones more involved in interacting with their children.

Keymords: Paternity, complexity, family relations

INTRODUÇÃO

A complexidade que tem caracterizado as relações no século XXI se expressa de forma significativa em diversos e variados aspectos referentes à família, aos valores e às crenças na sociedade em geral. São poucos os aspectos que podem ser objetivados a ponto de não deixarem interrogações e questionamentos, pelas contínuas mudanças, em diversos âmbitos, que vêm acontecendo ao nosso redor.

Nesse sentido, podemos falar no crescimento da participação feminina na esfera profissional, da multiplicidade das configurações familiares, do desenvolvimento da tecnologia, da globalização, do acirramento da sociedade individualista e competitiva, entre tantos outros aspectos em transformação. Assim, problematizar parece ser um exercício valioso a ser feito nos dias atuais, já que estamos cada vez mais convencidos da importância da interação entre o indivíduo e seu contexto ao longo de seu desenvolvimento, como aspecto fundamental na compreensão das suas formas de relação (Bronfenbrenner, 1996; Koller, 2004; Freijo, 2004; Aun, Vasconcellos e Coelho, 2006).

Considerando esse processo, os papéis na família merecem destaque. A pluralidade das relações e configurações familiares está cada vez maior, com famílias compostas pelos mais diferentes arranjos: famílias intactas, divorciadas, recasadas, uniões homossexuais, famílias adotivas, produções independentes, pais ou mães solteiras, entre tantas outras formas possíveis. Neste sentido, a palavra família passa a ser usada de forma plural, como uma forma mais coerente de caracterizar os atuais arranjos humanos (Gracia e Musito, 2000).

Certamente, essas modificações geraram e seguem demandando novas formas de posicionamento e ação no mundo, no qual, papéis, tarefas e deveres de cada sujeito, passam a ser redimensionados, redefinidos e até mesmo vivenciados de diferentes maneiras. Assim, ao falarmos em família, é relevante pensar nas conseqüências deste processo no exercício do

papel parental, por exemplo. Neste estudo, interessa-nos, mais especificamente, o papel do pai nesta rede de mudanças. Sendo assim, questionamos como a inter-relação destes aspectos se expressa no exercício da paternidade.

Neste sentido, além de pensarmos sobre como a paternidade vem sendo vivida pelos pais, é importante refletirmos como eles vêm pensando este papel em uma perspectiva ideal. Mas não no sentido de um modelo paradigmático com regras e modelos pré-estabelecidos, mas no sentido de sua visão sobre o ser pai, levando em consideração como idealizam o relacionamento entre pais e filhos.

Assim, faz-se importante apontar o que algumas pesquisas atuais, realizadas em diferentes contextos, como Brasil, Europa, Estados Unidos e Ásia, estão revelando a respeito do sentimento dos pais de hoje em dia. Os dados revelam os pais mais participativos, mais desejosos de envolverem-se com a educação e o desenvolvimento dos filhos (Bornholdt, 2002; Saleh; Buzi; Weinman e Smith, 2006). Eles relatam também, o aparecimento de aspectos positivos em suas próprias vidas com a experiência da paternidade (Parke e Brott, 2003), como a ampliação de perspectivas futuras (Morishita, 2006) e aumento da auto-estima (Reeves, 2006).

Sendo assim, o exercício paterno parece estar caminhando em direção a um maior envolvimento, ainda que de forma irregular (Plantin; Mansson e Kearney, 2003; Summers; Boller; Schiffman e Raikes, 2006). Isto pode ser observado não somente por um crescimento do senso de comprometimento e intencionalidade nos planos de interação dos pais com seus filhos, mas também por estarem despendendo mais tempo com suas crianças se comparados a gerações anteriores, conforme pesquisa realizada nos Estados Unidos sobre o envolvimento paterno em pais de distintos períodos, de 1977 e 1997 (Hall, 2005). Este estudo aponta que os pais da década de noventa passavam mais tempo com os filhos tanto em dias de trabalho como finais de semana, do que os pais da década de setenta.

No entanto, ao falarmos no homem/pai neste contexto da contemporaneidade é importante considerarmos os aspectos macrossistêmicos que compõem e perpassam sua concepção e vivência. Entre eles, as questões de gênero, os modelos transgeracionais e a coexistência de novas demandas sociais com a manutenção de valores tradicionais no que diz respeito ao exercício da paternidade.

Sendo assim, ao pensarmos nas questões de gênero, vale ressaltar como a crescente participação feminina no mundo do trabalho profissional, deixando de compor apenas o cenário doméstico, reverberou na vida familiar no sentido de impulsionar para a necessidade de novas formas de estabelecer a relação de paternidade. O homem foi sendo chamado a aproximar-se e vincular-se mais fortemente à trama familiar, o que parece evidenciar-se cada vez mais nos dias de hoje (Meler, 2000).

Entretanto, sabemos que a sociedade produz estereótipos que ditam as formas de ser e estar no mundo, não deixando muito espaço para escolhas realmente pessoais e subjetivas, que permitam uma vivência mais autêntica do ser humano. Em nossa sociedade, o homem sempre esteve vinculado a um padrão de comportamento agressivo, protetor e provedor, acrescido da necessidade constante de comprovação de sua masculinidade. Já a mulher, tida como o sexo frágil, sempre esteve atrelada ao papel cuidador, mais sensível e passivo (Therborn, 2006). A maternidade vinculada à noção de “predestinação biológica”, veio cristalizando a supremacia materna e a delegação do pai a um plano mais distante e secundário (Badinter, 1985; González, 1994).

Dessa forma, romper com este ditame cultural é processo complicado e lento, mesmo em uma época de chamado a um “novo pai”, que ocupa um papel de maior divisão de tarefas e compromissos domésticos. Isto certamente reflete-se na irregularidade do exercício da paternidade na contemporaneidade, onde diferentes modelos figuram em um mesmo cenário (Johnson, 2005).

Nesta perspectiva está descrita a força que a transgeracionalidade, expressa nos valores, crenças e no desempenho das tarefas humanas, exerce sobre a geração atual. Esta geração que tem como herança o modelo de um pai predominantemente provedor e uma mãe essencialmente cuidadora, se vê confundida com a falta de referenciais que atendam às demandas atuais. O microsistema familiar, numa relação de interdependência, reforça ao mesmo tempo em que é reforçado pelos estereótipos que se produzem no contexto sócio-histórico-cultural (Freijo, 2004; Wagner, 2005; Brannen e Nilsen, 2006).

Além das questões relativas aos gêneros masculino e feminino e dos aspectos transgeracionais do sistema familiar que interferem no processo de formação e exercício da identidade paterna (Falcke & Wagner, 2005), há variáveis de ordem legal que atravessam esse fenômeno, como no caso da estruturação das leis e políticas públicas. Sabe-se que elas priorizam e favorecem substancialmente a figura materna em suas decisões, como acontece nos casos de separação conjugal e quanto ao direito à licença maternidade/paternidade - 120 dias para as mães e 5 dias para os pais -, ainda bastante desigual entre homens e mulheres (CLT, 2005; Unbehaun Ridenti, 1998; Gaudard-Metz, 2005).

Isso nos leva a refletir que, ao mesmo tempo em que o homem vem sendo solicitado a envolver-se mais diretamente com os aspectos familiares, a sociedade ainda não lhe proporciona uma estrutura suficientemente favorecedora desta aproximação, tanto no sentido do imaginário social que necessita de tempo para mudar e romper velhos padrões, como no sentido de uma base legal concreta que acompanhe estas demandas e que lhes dê esse suporte.

Sendo assim, é importante considerar que são múltiplos os fatores que coexistem na construção da identidade paterna, muitos deles conflitantes. Entretanto, tais aspectos devem ser considerados e refletidos ao pensarmos a experiência humana da paternidade em um contexto de modernidade.

1. O que foi investigado?

A partir destas reflexões, buscamos conhecer como os pais/homens da contemporaneidade pensam e vivenciam a paternidade. Primeiramente, apresentamos o perfil sociobiodemográfico dos sujeitos investigados, os quais denominamos pais contemporâneos. A seguir, buscamos verificar a avaliação que os progenitores fazem a respeito de si mesmos no exercício da paternidade e sua perspectiva ideal, comparando tais aspectos e analisando as variáveis investigadas no estudo.

2. Como foi feita esta investigação?

Para a realização desta investigação, utilizamos a Escala de Estilo Paterno, originalmente elaborada por M. Bornstein e colaboradores (Bornstein, 1996). No Brasil, esta escala foi traduzida e adaptada pelo Grupo de Pesquisa Interação Social e Desenvolvimento da Universidade do Rio de Janeiro (Seidl de Moura e Ribas, 2003). A Escala original compõe-se de quatro partes, na qual a primeira parte coleta dados sóciobiodemográficos dos sujeitos. A segunda e a terceira parte dividem-se em 21 e 17 questões, respectivamente, que se referem a auto-avaliação do exercício paterno real e à perspectiva ideal dos sujeitos sobre a paternidade. As respostas se dão a partir de uma Escala Likert, pontuada de 1 a 5, na qual 1 quer dizer *quase nunca* e 5 quer dizer *sempre*. A quarta parte da escala possui 13 questões que avaliam dados adicionais da interação paterna, com perguntas abertas e de respostas múltiplas.

3. Perfil sóciobiodemográfico dos pais investigados

A amostra estudada está composta por 178 pais de crianças em idade escolar, que freqüentavam desde a 1ª até a 5ª série do ensino fundamental de duas escolas particulares da

cidade de Porto Alegre. Para a sua aplicação, as escalas foram entregues aos alunos destas escolas para serem levados para casa aos seus pais. Em data combinada com as professoras, as crianças devolveram as escalas já preenchidas e com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

Verificamos que estes pais possuem **nível sócio-econômico** heterogêneo, havendo um percentual de 48,29% de nível médio, 32,38% de nível alto e ainda 19,31% classificados como nível sócio-econômico baixo (Hollingshead, 1975).

As idades dos pais variam de 26 a 64 anos, resultando em uma média de 41,24 anos. **O número de filhos** que cada pai possui, varia de 1 a 6 filhos, onde 38,8% dos pais possuem apenas 1 filho, 42,7% têm 2 filhos, 10,7% com 3 filhos e 7,9% possuem de 4 a 6 filhos, gerando uma média de 1,91 filhos por pai.

Quanto ao nível de escolaridade dos pais, 23,7% deles possuem entre o ensino fundamental e médio, 28,2% possuem ensino superior incompleto, 31,1% possuem o ensino superior concluído e 16,9% têm pós-graduação.

Quanto às horas de trabalho diárias, 49,7% dos pais trabalham até 8 horas, 32% trabalham de 8 a 10 horas e 18,3% trabalham de 10 a 18 horas diárias.

A situação conjugal atual destes pais divide-se em 78,4% de pais que estão casados ou que vivem com a mãe de seus filhos; 11,7% que estão separados/divorciados e 9,9% que estão recasados. **Quanto ao fato de residir ou não com os filhos**, 81,1% dos pais residem na mesma casa com seu(s) filho(s), sendo que 18,9% não residem. Da amostra total, 68,8% **residem com** a família nuclear, 6,5% com a família nuclear acrescida da mais algum outro parente, 16,5% residem com uma nova companheira, moram sozinhos ou residem com sua família de origem, 6,5% residem com uma nova companheira e seu(s) filho(s), 0,6% mora sozinho com o filho e 1,2% residem com outras configurações.

Quanto ao sexo dos filhos, 47,5 % são pais de meninos, 46,6% são pais de meninas e 5,83 % possuem filhos dos dois sexos.

De uma maneira geral, o perfil destes pais revela uma amostra bastante heterogênea quanto ao nível sócio-econômico e nível de escolaridade, possibilitando avaliar a perspectiva de diferentes grupos da população, o que favorece a abrangência deste estudo. O mesmo aconteceu com o sexo dos filhos, tendo ficado bastante equilibrado entre meninos e meninas, o que veio a enriquecer a amostra. Quanto à situação conjugal dos pais e o fato de coabitarem ou não com os filhos, houve uma predominância de famílias intactas e de pais coabitantes.

4. Como vivenciam a paternidade?

Buscando conhecer como os pais vivenciam e avaliam a vivência paterna, foram questionados aspectos relativos ao envolvimento dos pais no dia-a-dia com seus filhos.

No que se refere ao tempo que eles passam com o filho durante uma semana, com ou sem a companhia de outras pessoas, a média ficou em 21,13 horas semanais. Na perspectiva ideal, eles avaliam que deveriam ser de 28,53 horas, em média, o tempo para despenderem com seus filhos nestas condições. Quanto ao tempo que eles passam por semana com o filho sem a companhia de outras pessoas, as respostas obtiveram uma média de 6,63 horas. Para estes pais, seria ideal, em média, despenderem cerca de 14,42 horas sozinhos com seus filhos durante a semana.

Quanto à sua participação nas tarefas domésticas no período de uma semana, as respostas eram de *nenhuma (1)* a *uma quantidade enorme (5)* de atividades. Neste caso, a média real ficou em 2,94, ou seja, entre *muito poucas (2)* e *algumas (3)*. Na perspectiva ideal, a média se elevou um pouco, ficando em 3,23, quer dizer, entre *algumas (3)* e *muitas (4)*.

Já quando perguntado para os pais como eles avaliavam a importância de sua orientação para o processo de aprendizagem do filho, a média real apareceu bastante elevada, ficando em 4,50, ou seja, entre *muita (4)* e *enorme (5)*, o mesmo acontecendo com a avaliação que fazem sobre a importância de sua orientação para que o filho relacione-se bem.

As questões 9, 10, 11 e 12 da quarta parte da escala eram dicotômicas (*sim ou não/não tenho certeza*), tendo as respostas se apresentado da seguinte forma: ao perguntarmos se o pai sabia o nome de algum professor (a) de seu filho, 70,8% responderam que sim e 29,2% responderam não saber ou não ter certeza. Quando perguntado se os pais sabiam dizer o nome de algum amigo (a) de seu filho, 95,5% dos pais responderam que sim, enquanto 4,5% disseram não saber ou não ter certeza. Quanto ao fato do filho realizar ou não alguma atividade extra-classe, 98,9% disseram saber se o filho realizava ou não e 28,1% responderam que não sabiam ou não tinham certeza disto. Se o filho teria horário para dormir, 95,5% disseram saber e 4,5% responderam que não sabiam ou que não tinham certeza desta afirmação.

De uma maneira geral, percebe-se que o tempo que os pais despendem com os filhos, é ainda menor do que o que manifestaram na perspectiva ideal, o que se evidencia ainda mais fortemente quanto ao tempo que passam a sós com seus filhos. No que se refere à sua participação nas tarefas domésticas, os pais reconhecem que ainda participam pouco ou que participam somente de algumas atividades. Porém, na perspectiva ideal, esta avaliação elevou-se um pouco, demonstrando que os pais acreditam que deveriam envolver-se mais nas tarefas domésticas. Ao mesmo tempo, os pais demonstraram estarem bastante cientes da importância que sua orientação possui para o processo de aprendizagem e socialização dos filhos. Da mesma forma, a maioria dos pais relatou ter conhecimento de aspectos

importantes da vida dos filhos, como o nome de algum professor, de algum amigo, se o filho realiza alguma atividade extra-classe e se os filhos têm horário para dormir.

4. Dimensões da Paternidade e Diferenças Real X Ideal

A partir da análise fatorial do instrumento utilizado (Bisquerra, Sarriera e Martínez, 2004), revelaram-se três fatores a serem considerados na avaliação e exercício paterno tanto real como ideal. Estes fatores foram classificados considerando as tarefas do subsistema parental citados por Minuchin (1982). Sendo assim, os classificamos da seguinte maneira:

Guia-Orientação: comportamentos do pai relativos à instrução de regras e exercício da disciplina, assim como comportamentos ligados ao cuidado e proteção. Este fator alude, ainda, à promoção de atividades sociais e favorecimento da autonomia da criança.

Afeto-Atenção: comportamentos do pai ligados à expressão de afeto e atenção destinados ao filho.

Interação-Companhia: alude a comportamentos do pai no sentido de interagir diretamente com o filho em situações do dia-a-dia, acompanhando, atendendo e dedicando tempo à criança. Da mesma forma, alude a comportamentos relativos à participação ou favorecimento de atividades que estimulam e acompanham seu desenvolvimento e interação social.

4.1. Como se apresentaram as respostas dos pais quanto a estes fatores?

As respostas obtidas a partir da Escala Likert (1 = *quase nunca* e 5 = *sempre*) que se referiam ao fator **Guia-Orientação** nas perspectivas real e ideal demonstraram que:

Neste fator, que avalia o comportamento do pai no sentido da instrução de regras e disciplina, cuidado e proteção, as médias apresentaram-se bastante elevadas, tanto na perspectiva real quanto ideal, que se mantiveram entre *às vezes* e *sempre* na perspectiva real e entre *frequentemente* e *sempre* no ideal.

No entanto, houve diferença significativa na maioria das variáveis relativas a este fator comparando as perspectivas real e ideal. Isto nos leva a pensar na importância que é dada pelos pais às funções de Guia-Orientação, levando em consideração que mesmo que a perspectiva real tenha apresentado médias elevadas, ainda assim, houve diferenças significativas em relação à perspectiva ideal, denotando que os pais avaliam que estes aspectos ainda devem ser melhorados na relação com seus filhos.

Tabela 1 - Teste *t de Student* para a verificação de diferenças entre perspectiva real e ideal no fator Guia-Orientação

Variáveis	Média Pai Real	Média Pai Ideal	"t"	Sig
Ofereço ambiente estruturado, organizado e seguro para meu filho.	4,69	4,85	-2,89	0,004
Chamo a atenção para seguir regras e ser bem comportado.	4,63	4,67	-0,68	n.s.
Uso disciplina e firmeza necessária para ensinar respeito pela autoridade.	4,31	4,45	-1,58	n.s.
Respondo de forma rápida e apropriada às manifestações de mal estar ou desconforto do meu filho.	4,29	4,60	-3,39	0,001

Dou tempo para meu filho ficar só e poder explorar e aprender por si mesmo.	3,97	4,26	-3,16	0,002
Ofereço contatos ou atividades sociais diferentes com crianças, grupos de brincadeira ou encontros com amigos e familiares	3,77	4,28	-5,24	0,000

Quanto ao construto *Afeto-Atenção*, verificamos que:

As médias referentes a este fator também se apresentaram elevadas, estando as médias entre *às vezes* e *sempre*, denotando a vivência de uma relação afetiva entre pais e filhos. Observamos, porém, que todas as afirmativas deste fator demonstraram diferença significativa entre o real e o ideal, nos levando a pensar que os pais de hoje possuem uma grande preocupação com este aspecto na relação com seus filhos, na qual a expressão dos sentimentos e a atenção que lhes dedicam são aspectos valorizados nesta interação e, segundo estes pais, ainda devem ser ampliados.

Tabela 2 - Teste *t de Student* para a verificação de diferenças entre perspectiva real e ideal no fator Afeto-Atenção

Variáveis	Média Pai Real	Média Pai Ideal	"t"	Sig
Ofereço mostras positivas de afeto, carinho e atenção.	4,63	4,86	-3,99	0,000
Estou atento ao que meu filho quer ou está sentindo.	4,20	4,75	-7,50	0,000
Respondo de forma rápida e positiva quando meu filho quer atenção.	4,04	4,44	-4,61	0,000
Sou flexível sobre os tipos de comportamento que espero do meu filho.	3,67	3,97	-3,08	0,002

Tenho paciência quando meu filho se comporta mal.	3,30	4,05	-7,58	0,000
---	------	------	-------	-------

As respostas que aludem ao construto *Interação-Companhia* obtiveram os seguintes resultados:

Este fator obteve médias mais baixas na vivência real da paternidade, ficando entre *às vezes* e *frequentemente*, e entre *frequentemente* e *sempre* na ideal. Sendo assim, só não houve diferença significativa entre a perspectiva real e ideal em relação ao fato de os pais oferecerem diferentes brinquedos e objetos para os filhos. Isto nos leva a pensar que eles ainda vêem sua vivência como aquém de seu ideal no sentido da interação com os filhos.

Tabela 3 - Teste *t de Student* para a verificação de diferenças entre perspectiva real e ideal no fator Interação-Companhia

PAI REAL	Média Pai Real	Média Pai Ideal	"t"	Sig
Ajudar meu filho a aprender a falar melhor, dizendo o nome das coisas, descrevendo o que acontece e as atividades que fazemos, além de ler livros para ele.	3,94	4,54	-6,28	0,000
Ofereço diferentes brinquedos e objetos para meu filho brincar e explorar.	3,90	4,10	-1,84	n.s.
Dedico tempo falando ou conversando com meu filho.	3,87	4,55	-8,55	0,000
Atendo com eficiência as necessidades diárias do filho como alimentar, dar banho, vestir.	3,79	4,42	-5,52	0,000
Ofereço atividades regulares e programadas fora de casa, como praticar algum esporte.	3,54	4,26	-6,45	0,000

Eu dedico tempo brincando com o meu filho.	3,5	4,34	-10,14	0,000
--	-----	------	--------	-------

4.2. Variáveis Associadas às Percepções da Paternidade

A fim de abranger maior complexidade na compreensão da vivência do exercício paterno real e ideal, buscamos conhecer quais variáveis se associam a este fenômeno. Dentre elas, investigamos a influência da idade dos pais, de sua situação conjugal, do sexo, do número de filhos, do seu nível de escolaridade e do fato de residirem ou não seus filhos.

Para análise da variável *Idade dos Pais*, a classificamos da seguinte maneira: o **Grupo 1** inclui os pais compreendidos entre 26 e 35 anos (adultos jovens), o **Grupo 2** refere-se aos pais que possuem de 36 a 45 anos (adultos intermediários) e o **Grupo 3**, os pais de 46 a 64 anos de idade (adultos maduros). Esta classificação foi feita considerando o momento desenvolvimental que cada idade caracteriza no ciclo vital do indivíduo e da família, conforme Carter e McGoldrick (1995).

Nesta variável, observamos que os pais mais jovens são os que oferecem menos tempo para os filhos ficarem sozinhos e poderem aprender por si mesmos, e também são eles os que utilizam com menor frequência de disciplina e firmeza para ensinar-lhes o respeito pela autoridade. Esta última variável é encontrada com maior frequência pelo grupo de pais mais velhos. No entanto, são também os mais velhos que oferecem com menor frequência atividades programadas fora de casa para os filhos.

Neste caso, percebemos que os pais de idade intermediária utilizam de um maior número de comportamentos que favorecem o desenvolvimento dos seus filhos em duas das três variáveis observadas, as quais se associam aos fatores Guia-Orientação e Interação-Companhia. Os mais velhos apresentaram maior frequência na variável associada ao fator

Guia-Orientação, no que se relaciona a possibilidade de favorecer a autonomia dos filhos. Os mais jovens são os que menos se utilizam de comportamentos favorecedores do desenvolvimento dos filhos em relação aos fatores Guia-Orientação e Interação-Companhia em duas das três variáveis observadas.

Tabela 4 – Relação entre a variável *Idade dos Pais* e Estilo Parental Real - Teste Estatístico ANOVA – Itens Significativamente Associados

Pai Real	F	Sig	Tukey em ordem crescente - grupos
Dou tempo para meu filho ficar só e aprender por si	10,743	0,000	1, 2, 3
Uso disciplina e firmeza para ensinar respeito pela autoridade	3,542	0,031	1, 3, 2
Ofereço atividades regulares e programadas fora de casa	3,497	0,032	3, 1, 2

No que se refere à perspectiva ideal, os pais mais jovens acreditam que o pai ideal deve oferecer mostras de afeto, carinho e atenção ao filho com mais frequência que para os mais velhos.

Já os pais de maior idade são os que acreditam que o pai ideal deve oferecer com maior frequência tempo para o filho ficar sozinho e poder explorar e aprender por si mesmo. Os mais jovens são os que acreditam que este comportamento deve ser utilizado com menor frequência em relação aos demais grupos.

Assim como na perspectiva real, os pais mais velhos apresentam maior média quanto ao fator Guia-Orientação na questão relacionada à autonomia dos filhos. Os mais novos demonstram uma maior intencionalidade de desempenhar comportamentos ligados ao fator Afeto-Atenção.

Tabela 5 – Relação entre a variável *Idade dos Pais* e Estilo Parental Ideal – Teste Estatístico ANOVA – Itens Significativamente Associados

Pai Ideal	F	Sig	Tukey em ordem crescente - grupos
Pai ideal oferece mostras de afeto, carinho e atenção	3,140	0,046	3, 2, 1
Pai ideal dá tempo para o filho ficar só e aprender por si mesmo	4,702	0,010	1, 2, 3

Analisando a variável *número de filhos* e sua associação à perspectiva real, observamos que quanto mais filhos os pais possuem, menos tempo dedicam para brincar com eles, e que menos objetos oferecem para os filhos brincarem, aspectos que se associam ao fator Interação-Companhia. Isto nos leva a refletir que, na perspectiva dos pais, o aumento do número de filhos interfere na sua interação com eles. O fato de dedicar tempo para brincar com os filhos e lhes oferecer diferentes objetos para brincar e explorar, podem ser afetadas, na medida em que os pais necessitam dividir sua atenção e recursos para interagir com cada uma de suas crianças.

Tabela 6 – Relação entre a variável *Número de Filhos* e Estilo Parental Real – Teste Estatístico ANOVA – Itens Significativamente Associados

Pai Real	F	Sig	Tukey em ordem crescente - grupos
Dedico tempo para brincar	3,522	0,016	4 a 6 filhos, 3 filhos, 2 filhos, 1 filho
Ofereço diferentes objetos para brincar e explorar	3,298	0,022	3 filhos, 4 a 6 filhos, 2 filhos, 1 filho

Para análise das associações da variável *escolaridade* dos pais, fizemos a classificação da seguinte maneira: o **Grupo 1** inclui ensino fundamental e médio, o **Grupo 2** refere-se ao ensino superior incompleto, o **Grupo 3**, ensino superior completo e o **Grupo 4**, os pais que possuem pós-graduação.

Nesta variável, percebe-se que quanto mais baixa a escolaridade, menos contatos ou atividades sociais diferentes com outras crianças, amigos ou familiares oferecem aos filhos. É também o grupo que refere possuir menos paciência com eles, fatores associados aos construtos Guia-Orientação e Afeto-Atenção, respectivamente. Os dois grupos de pais menos escolarizados apresentaram maior frequência quanto à percepção da necessidade de maior envolvimento com os filhos, fator associado ao construto Guia-Orientação. Isto denota que os pais menos escolarizados estão mais insatisfeitos com o seu envolvimento com os filhos do que os demais grupos.

Tabela 7 – Relação entre a variável Escolaridade e Estilo Parental Real – Teste Estatístico ANOVA – Itens Significativamente Associados

Real	F	Sig	Tukey em ordem crescente - grupos
Tenho paciência quando meu filho se comporta mal	3,391	0,019	1, 2, 3, 4
Ofereço contatos ou atividades sociais	3,146	0,027	1, 2, 3, 4
Sinto necessidade de envolver-me mais	2,654	0,050	4, 3, 1, 2

Na variável *escolaridade* relacionada ao pai ideal, a análise feita a partir do teste estatístico ANOVA, demonstrou que há associação (Sig = 0,042) quanto ao fato dos pais terem paciência com os filhos quando não se comportam bem, o que se refere ao fator Afeto-Atenção. Em uma perspectiva ideal, os dois grupos de pais mais escolarizados são os que consideraram mais importante ter paciência com os filhos quando apresentam mau

comportamento. A valorização deste aspecto por parte dos pais mais escolarizados, pode ser observada tanto na perspectiva real quanto ideal.

Na variável *situação conjugal*, na análise feita a partir do teste estatístico ANOVA, verificamos que há associação apenas com o fato dos pais poderem oferecer aos filhos atividades regulares e programadas fora de casa, como a prática de algum esporte, o que corresponde ao fator Interação-Companhia. Os pais separados são os que oferecem com menor frequência este tipo de atividades para os filhos em relação aos casados e recasados

Em uma perspectiva ideal, a condição *situação conjugal* não apresentou nenhuma associação com os fatores do estudo.

Ao realizarmos o teste *t-Student* para verificar se a variável *sexo do filho* associava-se as perspectivas real e ideal de paternidade, não houve nenhuma diferença significativa, tendo o pai filhos meninos ou meninas.

Considerando se os pais *residem ou não* com seus filhos, o teste *t-Student* só apontou diferença significativa frente ao fator Guia-Orientação em uma variável - 0,002 - (os pais residentes oferecem atividades programadas fora de casa com mais frequência). Na perspectiva ideal, não houve associação a nenhuma das variáveis que compõem os fatores.

DISCUSSÃO

Em um período de transição e transformações como os dias de hoje, estudar a paternidade e como se dá o exercício deste papel não é tarefa simples, visto que diversos aspectos de ordem macro e microssistêmicas devem ser considerados e refletidos na dinâmica de sua interação.

No entanto, neste estudo, pôde-se observar que os pais da atualidade mostram-se, em muitos aspectos, mais desejosos de uma maior aproximação e envolvimento com os filhos, aspecto que vem ao encontro de diversas pesquisas atuais (Halford, 2006; Silverstein,

Auerbach & Levant, 2002). Isto pode ser demonstrado, considerando que houve diferenças significativas em quase todas as variáveis dos fatores Guia-Orientação, Afeto-Atenção e Interação-Companhia, considerando a paternidade real e ideal, na qual a perspectiva ideal apresentou médias mais elevadas que a real.

Este desejo corrobora com o fato destes pais demonstrarem maior consciência da importância de suas orientações nos processos de aprendizagem e socialização dos filhos. O fato de um grande número de pais terem conhecimento de aspectos importantes da vida de seus filhos (nome de algum professor, de algum amigo, se realizam alguma atividade extra-classe, se têm horário para dormir), reforçam esta tendência de maior aproximação.

Ao relatarem quanto tempo passavam na companhia de seus filhos, por exemplo, ficou bastante clara a intenção de despenderem mais tempo com eles, havendo uma importante diferença entre o número de horas reais (21,13 horas semanais com a companhia de outras pessoas) e ideais (28,53 horas). Podemos pensar que uma maior atribuição aos pais/homens em ser o provedor do sustento familiar e a manutenção da figura materna como principal responsável pelos cuidados diretos com os filhos (Reichert, 2006), possam contribuir para um maior distanciamento entre o exercício real e a perspectiva ideal dos pais investigados. Isto pode ser reforçado pelo fato desta diferença ser ainda mais expressiva no número de horas que os pais dizem passar com os filhos sem a companhia de outras pessoas durante a semana (6,63 horas) e o ideal (14,42 horas). Este dado nos faz pensar que a possibilidade de estar com o filho, como único responsável por ele, é ainda pouco exercida, demandando talvez a idéia de que o pai não estaria plenamente habilitado a cuidar dos filhos, necessitando da participação de outras pessoas (em muitos casos, da mãe).

Entretanto, os pais estão cientes de que ainda não possuem grande expressividade se comparados às mulheres no cumprimento de tarefas domésticas (Meler, 2000). Eles avaliaram realizar entre *muito poucas* e *algumas* tarefas em casa. Ao mesmo tempo,

demonstraram a intenção de desenvolver mais esse aspecto em suas práticas, visto que a perspectiva ideal ficou entre *algumas* e *muitas*, ainda que esta tendência não seja muito alta em termos numéricos (Real = 2,94 e Ideal = 3,23). Provavelmente, a intenção de participar mais nas tarefas domésticas não ser tão evidente quanto o desejo de ser um pai mais envolvido, tenha relação com os estereótipos sobre as atribuições do masculino e do feminino. Quer dizer, ser um pai mais envolvido com a vida dos filhos não significa necessariamente ser um homem mais envolvido nas tarefas domésticas, já que estas funções estão ainda mais fortemente marcadas pelo gênero feminino, indo ao encontro de uma das características da contemporaneidade: novas demandas de comportamento coexistindo com a manutenção de valores tradicionais. Este é certamente um fator importante, na medida em que pode explicar, em parte, estes paradoxos nas relações.

Quanto a avaliação dos pais sobre o exercício paterno e seu ideal, relacionados com os fatores Guia-Orientação, Afeto-Atenção e Interação-Companhia, podemos observar que os comportamentos menos presentes nos pais estudados são os que se referem ao fator Interação-Companhia, ou seja, primordialmente estar presente nas diversas situações do dia-a-dia que envolvem a vida do filho. O contato interativo no cotidiano do filho ainda é um comportamento menos frequente, provavelmente este ainda estando mais vinculado a figura materna.

Já o fator de Guia-Orientação, ou seja, a utilização de regras e o exercício da disciplina, além do cuidado com a proteção e segurança dos filhos, mostrou-se dentre os comportamentos mais presentes, seguido do Afeto-Atenção, ou seja, bem-estar emocional e envolvimento afetivo.

Na perspectiva ideal, estes fatores aparecem nesta mesma ordem de frequência na relação pais e filhos. No entanto, a predominância de médias mais baixas na auto-avaliação real revela aspectos a serem melhorados na relação com seus filhos na visão destes pais.

As duas questões específicas de *demonstração de afeto* (“ofereço mostras positivas de afeto, carinho e atenção”) e cumprimento de regras (“chamo atenção para seguir regras e ser bem comportado”) apresentam médias iguais (4,63), sendo duas das mais elevadas. Estes resultados apontam para um crescimento nas atitudes de maior envolvimento afetivo do pai para com seus filhos, assim como a manutenção de uma postura bastante voltada para a orientação das crianças, mantendo-se como uma figura de autoridade, proteção, cuidado e segurança.

Nestes fatores, observamos algumas variáveis associadas a uma maior ou menor frequência do exercício e do ideal paterno.

Quanto à idade dos pais investigados, podemos avaliar que os pais mais velhos (entre 46 e 64 anos) apresentam a maior média no que se refere a um comportamento favorecedor da autonomia dos filhos, aspecto ligado ao fator Guia-Orientação. Os mais jovens (de 24 a 35 anos) ficaram com a pontuação mais baixa neste sentido. Ao mesmo tempo, são eles os que manifestam o desejo de um maior envolvimento afetivo com os filhos, com demonstração de carinho e atenção, no qual os mais velhos apresentaram índices inferiores. Quanto a isso, podemos pensar que a geração mais jovem vem se desenvolvendo num contexto que demanda um pai mais próximo e afetivo, enquanto os mais velhos cresceram em um contexto social e familiar que ainda valorizava mais fortemente na figura paterna as funções de Guia-Orientação. Neste caso, os mais jovens podem temer a falta de participação e envolvimento na vida dos filhos, visto que este é um aspecto bastante questionado nos dias atuais, e assim, favorecer aos filhos uma postura menos autônoma do que os mais velhos. Neste sentido, podemos pensar que isto possa ser reforçado pelo contexto macrossocial atual, permeado por fatores cada vez mais fortes e presentes no cotidiano das pessoas como a violência, por exemplo, favorecendo dessa forma, uma postura mais superprotetora dos pais atuais em relação às gerações anteriores.

Um fator interessante que avaliamos neste estudo, refere-se à variável *situação conjugal* e ao fato de *residirem ou não* com seus filhos. Os pais avaliaram, na perspectiva real, que esta variável interfere em somente um aspecto do fator Interação-Companhia, lhes dificultando a possibilidade de oferecer aos filhos alguma atividade regular e programada fora de casa. Na perspectiva ideal, não avaliaram nenhuma diferença significativa associada a estas variáveis.

Este aspecto nos leva a pensar em uma perspectiva mais otimista por parte destes pais, que se adaptaram de forma positiva à configuração da família separada. Neste sentido, parece estar acontecendo uma ruptura com o estigma dos prejuízos “irreparáveis” dos “filhos do divórcio” desde a visão paterna (Wagner, 2002).

Outro aspecto importante e que revela uma perspectiva diferente do que é encontrado no senso comum, é que tanto na auto-avaliação dos pais, como no seu ideal, o fato dos filhos serem meninos ou meninas não apresentou nenhuma diferença significativa na forma de se relacionarem com eles. Talvez, aos poucos, a educação de meninos e meninas venha ensaiando a possibilidade de fronteiras mais difusas entre os sexos.

A variável *número de filhos* apresentou diferença quanto ao fator Interação-Companhia, no qual o aumento do número de filhos diminui a frequência de comportamentos interativos. Neste sentido, é interessante refletir acerca da diminuição do número de filhos das gerações mais novas (IBGE, 2006). Além da influência das questões de ordem econômica, podemos pensar que esta diminuição vai ao encontro das demandas atuais de maior envolvimento paterno e do desejo de aproximação destes pais, vindo na redução do número de filhos, uma forma de viabilizar estes aspectos.

Por fim, na variável *escolaridade*, aspectos ligados aos fatores Guia-Orientação e Afeto-Atenção apresentaram diferenças significativas. Quanto menor a escolaridade, menor a frequência de comportamentos ligados a estes dois fatores. Isto nos leva a pensar que o

acesso à informação dos pais podem contribuir para o aumento de respostas em prol destes comportamentos. Por outro lado, conforme já discutido por Wagner (1995), estas respostas podem estar atendendo mais a uma demanda de desejabilidade social do que a uma prática efetiva destes pais, visto que nem sempre a compreensão intelectual e a utilização concreta de determinados comportamentos caminham juntos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo nos levam a pensar nas múltiplas facetas da contemporaneidade, que ao mesmo tempo em que revela a possibilidade de novos arranjos e padrões de interação, mantém e reproduz estereótipos sociais.

A manifestação por parte dos pais do desejo de um maior envolvimento e aproximação com a vida dos filhos é uma faceta positiva deste momento que vivemos. No entanto, os fatores que dificultam que esta interação esteja acontecendo mais intensamente, são aspectos a serem pensados, visto que são inúmeros.

Este estudo nos mostra que a figura paterna, tanto na prática, quanto em uma perspectiva ideal, relaciona-se ainda mais fortemente a uma figura de autoridade, segurança e também de provimento, assim como nos modelos mais tradicionais de relação. Pensamos que a permanência deste modelo para os pais é algo positivo, já que a referência e presença de uma figura que exerça estas funções são de suma importância para o desenvolvimento dos filhos. A questão que fica é o quanto os pais se vêem com uma maior implicação neste sentido, em detrimento de uma postura mais interativa com os filhos e de uma maior liberdade de dividir estas tarefas também com a figura materna.

Por outro lado, os pais estão mais afetivos e desejosos de demonstrar seus sentimentos para os filhos. Mas justamente os comportamentos que aludem a uma interação mais direta, relacionados a atender diariamente suas necessidades, ainda ficam atrás dentre

as tarefas exercidas e reconhecidas como paternas. Isso nos remete ao fato de que são as mães que ainda estão mais envolvidas nestas tarefas de acompanhar e interagir com suas crianças.

A mulher saiu do ambiente doméstico para trabalhar fora, mas o homem não veio para o lar na mesma proporção. E nem poderia, pois como fazê-lo em uma sociedade ancorada em determinações de papéis e modos de ser? Como transformar a prática dentro de um imaginário social ainda tão contraditório? Como conciliar as novas demandas com a estruturação das próprias leis?

Estas considerações nos revelam que algumas mudanças na relação dos pais com seus filhos vêm acontecendo, ainda que aos poucos, na tentativa de trazer o homem para a vida familiar. A questão afetiva e a intenção de uma maior interação são evidências disso. Mas é preciso tempo para que estas novas formas de relacionamento paterno sejam ensaiadas, experimentadas e assim solidificadas, sem que sejam tidas como surpresas ou como algo que chama a atenção, diferentemente da figura materna, que ao interagir com os filhos não causa nenhum estranhamento.

Reconhecemos que muitos outros aspectos compõem este fenômeno, mas por também estarmos imersos a este contexto, talvez não possamos identificar.

Ressaltamos que estes resultados referem-se unicamente a perspectiva paterna, unilateral, podendo mostrar-se diferentes caso fossem investigadas a perspectiva da mãe ou dos filhos, pois cada um tem fundamental importância na construção e desenvolvimento desta relação. Além disto, sabemos que o fator da desejabilidade social pode exercer influência nas respostas dadas pelos pais, visto que há o reconhecimento, de uma maneira geral, do chamado da sociedade contemporânea por um pai mais ativo e participativo na trama familiar. Tão logo, estudos que investiguem estas perspectivas poderiam, certamente, ampliar as formas de ver e reconhecer o fenômeno da paternidade.

REFERÊNCIAS

- Aun, J.C.; Vasconcellos, M.J.E.; Coelho, S.V. (2006). *Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais*. Belo Horizonte: Oficina de Arte e Prosa.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado – O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bisquerra, R.; Sarriera, J. e Martinez, F. (2004). *Introdução à estatística: enfoque informático com o pacote estatístico SPSS*. Porto Alegre: Artmed.
- Bornholdt, E. (2002). *A Gravidez do Primeiro Filho à Luz da Perspectiva Paterna*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Bornstein (1996). Ideas about parenting in Argentina, France and the United States. *International Journal of Behavioral Development*, 19, 347-367.
- Brannen, J.; Nilsen, A. (2006). From Fatherhood to Fathering: Transmission and Change among British Fathers in Four-generation Families. *Sociology*, 40(2), 335-352.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carter, B.; McGoldrick, M. (1995). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Consolidação das Leis do Trabalho/ (compilação de) Armando Casimiro Costa, Irani Ferrari, Melchíades Rodrigues Martins. 32^a. ed. São Paulo: LTr, 2005.
- Falcke, D.; Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In. Wagner, A. (org). *Como se perpetua a família?: a transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Freijo, E.A. (2004). *Familia y Desarrollo Psicológico*. Madri: Pearson Prentice Hall.

Gaudard-Metz, C. (2005). Sufferings of the fathers in divorces. *Neuropsychiatrie de l'Enfance et de l'Adolescence*, 53(5), 238-244.

González, J. A. R. (1994). *Manual de Orientación y Terapia Familiar*. Madrid: Centro de Estudios Ramón Areces.

Gracia, E.; Musito, G. (2000). *Psicología Social de la Familia*. Barcelona: Paidós.

Halford, S. (2006). Collapsing Boundaries? Fatherhood, Organization and Home-Working. *Gender Work & Org*, 13, 383-402.

Hall, S. (2005). Change in Paternal Involvement from 1977 to 1997: A Cohort Analysis. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, 34(2), 127-139.

Hollingshead, A. B. (1975). *Four factor index of social status*. Department of Sociology, Yale University, unpublished working paper.

IBGE (2006). *Estatísticas de registro civil*. Rio de Janeiro.

Johnson, M.K. (2005). Family roles and work values: Processes of selection and change. *Journal of Marriage and the Family*, 67(2), 352-369.

Koller, S. (org) (2004). *Ecologia do Desenvolvimento Humano: pesquisa e intervenção no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Meler, I. (2000). La Masculinidad. Diversidad y Similitudes Entre Los Grupos Humanos. In: Burin, M & Meler, I (org) *Varones: Género y Subjetividad Masculina*. Buenos Aires: Paidós.

Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Morishita, Y. (2006). The Effect of Becoming Fathers on Men's Development. *Japanese Journal of Developmental Psychology*, 17(2), 182-192.

Parke, R.; Brott, A. (2003). Yes, fathers really matter! In. Coleman, M.; Ganong, L. *Points & counterpoints: Controversial relationship and family issues in the 21st century (an anthology)*. Los Angeles: Roxbury Publishing Co.

Plantin, L.; Mansson, S.A.; Kearney, J. (2003). Talking and Doing Fatherhood: On Fatherhood and Masculinity in Sweden and England. *Fathering, 1(1)*, 3-26.

Reeves, J. (2006). Recklessness, Rescue and Responsibility: Young Men Tell Their Stories of the Transition to Fatherhood. *Practice, 18(2)*, 79-90.

Reichert, C. B. (2006). Autonomia na Adolescência e sua Relação com os Estilos Parentais. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Saleh, M.F.; Buzi, R.S.; Weinman, M.L.; Smith, P.B. (2006). The nature of connections: Young fathers and their children. *Family Therapy, 33(1)*, 17-27.

Seidl de Moura, M. L.; Ribas J.r, R. de C. (2003). *Algumas informações sobre o instrumento Estilo Materno e Paterno*. Relatório parcial do projeto: Interação mãe-bebê e desenvolvimento infantil: um estudo longitudinal e transcultural. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Material não publicado.

Silverstein, L.B.; Auerbach, C.F.; Levant, R.F. (2002). Contemporary fathers reconstructing masculinity: Clinical implications of gender role strain. *Professional Psychology: Research and Practice, 33(4)*, 361-369.

Summers, J.A., Boller, K.; Schiffman, R.F.; Raikes, H. (2006). The Meaning of “Good Fatherhood”: Low-Income Father’s Social Constructions of Their Roles. *Parenting Science and Practice, 6(2-3)*, 145-165.

Therborn, G. (2006). *Sexo e poder: a família no mundo, 1900-2000*. São Paulo: Contexto.

Unbehaum Ridenti, S.G. (1998). A desigualdade de gênero nas relações parentais: O exemplo da custódia dos filhos. In: Arilha, M.; Unbehaum Ridenti, S. G.; Medrado, B. (orgs). *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: Ecos/Editora.

Wagner, A. (1995). Fatores Psicossociais do Medo Infantil: sua ocorrência e características na idade pré-escolar. *Psico, 1* (26), 89-106.

Wagner, A. (org) (2002). *Família em Cena: tramas, dramas e transformações*. Rio de Janeiro: Vozes.

Wagner, A. (org). (2005). *Como se perpetua a família?: a transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que estudar as relações humanas é tarefa complexa e ao mesmo tempo instigante. Nesse sentido, buscar compreender a trama que envolve este processo dentro do grupo familiar não é diferente.

Este período de estudos e investigação acerca da relação paterna nos dias de hoje, durante a realização desta dissertação, foi uma caminhada de ampliação de horizontes teóricos, metodológicos e pessoais. Ao iniciar o curso, tenho certeza que pensava a paternidade de um ângulo muito mais estreito, provavelmente por estar imersa no contexto social que discuti neste trabalho. Sendo assim, o encontro com a teoria sistêmica e a compreensão da inter-relação entre os aspectos que compõem os diversos fenômenos relacionais foi fundamental para a amplificação da minha percepção sobre o fenômeno. O contato com diferentes autores e pesquisas desenvolvidas sobre a família e a paternidade foi peça chave para que, aos poucos, eu fosse construindo a forma como pensar e compreender os pais da geração de hoje.

No entanto, tenho certeza que a realização desta pesquisa, mais do que me oferecer respostas, me abriu novas trilhas dentro da pesquisa científica. Questões como a visão das mães e dos filhos sobre a paternidade, por exemplo, ficaram em aberto para ampliar os dados que encontramos e novas possibilidades de pensar o fenômeno em futuros trabalhos.

A experiência de ter podido realizar um estágio na Universidade de Girona enriqueceu muito minha caminhada. Lá, pude fazer contato com autores e pesquisadores que apresentam a visão de um contexto cultural diverso, além de ter podido coletar dados com pais catalães. Sendo assim, esta experiência me abriu a possibilidade de continuar desenvolvendo estudos sobre a temática do pai, seguindo como colaboradora do grupo de pesquisa “Dinâmica das Relações Familiares” e, futuramente, podendo realizar um curso de doutorado.

Sendo assim, o maior ganho destes dois anos de estudo e contato com a temática da paternidade, foi a possibilidade de refletir sobre a contemporaneidade e sua multiplicidade de facetas, compreendendo a complexidade das relações, sejam elas sociais, profissionais, familiares. Neste sentido, a maior resposta que obtive foi a possibilidade de levantar perguntas e verificar a ausência de modelos e paradigmas ao falarmos em relações familiares, visto que sua maior riqueza está na possibilidade de estabelecer diferentes arranjos e possibilidades na busca de uma vivência mais autêntica e verdadeira de cada um de seus integrantes.

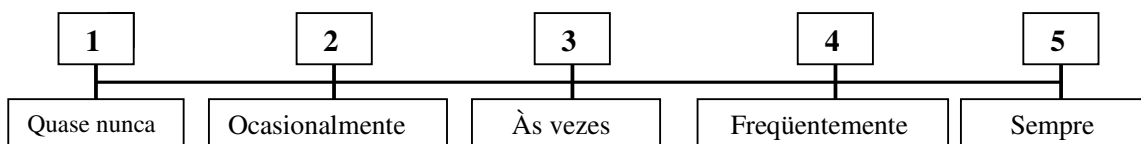
ANEXOS

9. Eu ofereço um ambiente estruturado, organizado e seguro para meu filho.	
10. Eu uso a disciplina e firmeza necessárias para ensinar ao meu filho o respeito pela autoridade.	
11. Eu ofereço para meu filho atividades regulares e programadas fora de casa, como praticar algum tipo de esporte.	
12. Eu ajudo meu filho a aprender a falar melhor, dizendo o nome das coisas, descrevendo o que acontece e as atividades que fazemos, além de ler livros para ele.	
13. Eu ofereço diferentes brinquedos e objetos para o meu filho brincar e explorar.	
14. Eu tenho paciência quando meu filho se comporta mal.	
15. Eu ofereço para o meu filho mostras positivas de afeto, carinho e atenção.	
16. Eu sou flexível sobre os tipos de comportamento que espero do meu filho.	
17. Eu estou atento ao que meu filho quer ou está sentindo.	
18. Eu costumo acompanhar meu filho para comprar roupas novas quando ele necessita.	
19. Eu costumo participar de reuniões e atividades escolares do meu filho.	
20. Eu costumo acompanhar meu filho a consultas médicas.	
21. Eu sinto necessidade de envolver-me mais nas atividades que dizem respeito ao meu filho.	

PARTE 3

As pessoas têm idéias diferentes sobre o que elas consideram um pai ideal na relação com os filhos. Nós estamos interessados em saber o que você considera ser um **Pai Ideal**.

Uma nota 1 quer dizer "quase nunca " e uma nota 5 quer dizer "sempre". Lembre-se, cada declaração deve ter uma avaliação. Não deixe de responder nenhuma das questões e procure ser o mais sincero possível.



1. Para mim, o pai ideal dedica um tempo falando ou conversando com seu filho.	
2. Para mim, o pai ideal chama a atenção de seu filho para a importância de seguir regras e ser bem comportado.	
3. Para mim, o pai ideal oferece para o seu filho atividades regulares e programadas fora de casa, como praticar algum tipo de esporte.	

4. Para mim, o pai ideal ajuda seu filho a aprender a falar melhor, dizendo o nome das coisas, descrevendo o que acontece e as atividades que fazem, além de ler livros para ele.	
5. Para mim, o pai ideal oferece para seu filho mostras positivas de afeto, carinho e atenção.	
6. Para mim, o pai ideal oferece diferentes brinquedos e objetos para seu filho brincar e explorar.	
7. Para mim, o pai ideal atende com eficiência às necessidades do dia-a-dia de seu filho, como alimentar, dar banho, vestir e outros cuidados diários.	
8. Para mim, o pai ideal tem paciência quando seu filho se comporta mal.	
9. Para mim, o pai ideal oferece para o filho contatos ou atividades sociais diferentes com crianças da mesma idade, em grupos de brincadeira ou em encontros com amigos e familiares.	
10. Para mim, o pai ideal está atento ao que seu filho quer ou está sentindo.	
11. Para mim, o pai ideal oferece para seu filho um ambiente estruturado, organizado e seguro.	
12. Para mim, o pai ideal usa disciplina e firmeza necessárias para ensinar a seu filho o respeito pela autoridade.	
13. Para mim, o pai ideal dedica um tempo brincando com seu filho.	
14. Para mim, o pai ideal responde de forma rápida e positiva quando seu filho quer atenção.	
15. Para mim, o pai ideal dá tempo para o filho ficar sozinho e poder explorar e aprender por si mesmo.	
16. Para mim, o pai ideal é flexível sobre os tipos de comportamento que ele espera de seu filho.	
17. Para mim, o pai ideal responde de forma rápida e apropriada ao mal estar ou desconforto de seu filho.	

PARTE 4

1. Em média, quanto tempo você passa com seu filho durante uma semana (Tempo total de 2ª a 6ª feira, com ou sem a presença de outras pessoas)? Preencha o tempo aproximado em horas.

_____ horas

2. Em média, quanto tempo você passa sozinho com ele durante uma semana (isto é, de 2ª a 6ª feira, sem a presença de outras pessoas)?

_____ horas

3. Quanto tempo você acha que seria o ideal o pai ficar com seu filho durante a semana (Tempo total de 2ª a 6ª feira, com ou sem a presença de outras pessoas)?

_____ horas

4. Quanto tempo você acha que seria o ideal para o pai ficar só com seu filho (isto é, de 2ª a 6ª feira, sem a presença de outras pessoas)?

_____ horas

5. Quantas tarefas domésticas (exemplo: arrumar a casa, cozinhar), fora o “cuidar de crianças” você faz em uma semana? (Circule uma das opções)

1. Nenhuma
2. Muito poucas
3. Algumas
4. Muitas
5. Uma quantidade enorme

6. Quantas tarefas domésticas (exemplo: arrumar a casa, cozinhar), fora o “cuidar de crianças”, você acha que seria o ideal o pai fazer em uma semana? (Circule uma das opções)

1. Nenhuma
2. Muito poucas
3. Algumas
4. Muitas
5. Uma quantidade enorme

7. Que importância você acha que a sua orientação tem para o processo de aprendizagem do seu filho? (Circule uma das opções)

1. Nenhuma
2. Muito Pouca
3. Alguma
4. Muita
5. Enorme

8. Que importância você acha que a orientação do pai tem para que o filho relacione-se bem? (Circule uma das opções)

1. Nenhuma
2. Muito Pouca
3. Alguma
4. Muita
5. Enorme

9. Você sabe o nome do(a) professor(a) do seu filho?

() SIM () NÃO () Não sei/não tenho certeza

10. Você sabe dizer o nome de algum amigo(a) do seu filho?

SIM NÃO Não sei/não tenho certeza

11. Seu filho faz alguma atividade extra-classe?

SIM NÃO Não sei/não tenho certeza

Se “SIM”, qual: _____

12. Seu filho tem horário para dormir?

SIM NÃO Não sei/não tenho certeza

Se “SIM”, qual: _____

Obrigada!

Esta pesquisa terá continuidade ao longo do ano. Se você tiver interesse em saber seus resultados e seguir colaborando conosco, respondendo a outro questionário nesta ocasião, deixe aqui seus dados:

Nome: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

ANEXO 2 - CARTA DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Porto Alegre, ____ de _____ de 2005.

Ilmo. Sr. _____

Diretor do Colégio _____

N/Capital

Prezado Diretor:

Sabe-se que a família contemporânea vem passando por um período de transformações e de reformulações em seus códigos de relação. A diversidade dos atuais arranjos familiares (famílias divorciadas, famílias recasadas, produções independentes, homens que possuem a guarda dos filhos, entre outras) exige uma redefinição na concepção e também no exercício dos diversos papéis a serem desempenhados na família e na sociedade.

Diante disso, estou realizando uma pesquisa a fim de conhecer a avaliação que os pais da contemporaneidade fazem de si mesmos quanto ao exercício da paternidade frente às demandas da sociedade atual, visto que o papel parental é fator fundamental no desenvolvimento dos filhos. Esta pesquisa é parte da minha dissertação de mestrado em Psicologia Social e da Personalidade que vem sendo desenvolvida na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sob a orientação da Dr.^a Adriana Wagner.

Venho então solicitar sua autorização para entregar um questionário sobre este tema para os alunos de 1^a a 5^a séries do ensino fundamental desta escola a fim de que estes sejam entregues a seus pais. A participação destes pais é voluntária e ocorrerá mediante a assinatura de um Termo de Consentimento que deverá ser devolvido juntamente com o material entregue pelos alunos aos pais. O questionário não identifica o respondente de forma alguma, sendo que os dados obtidos serão sigilosos e utilizados somente para essa pesquisa. Solicito sua atenção no material, em anexo, composto de um resumo do projeto de pesquisa e do instrumento de coleta de dados.

Coloco-me a sua disposição para maiores informações sobre a pesquisa, pelo telefone 9176.4644. Além disso, Proponho-me a fazer uma devolução dos resultados dessa pesquisa em sua escola, se assim desejar.

Desde já agradeço pela colaboração

Atenciosamente,

Ana Cristina Pontello Staudt

ANEXO 3 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Está sendo realizada uma pesquisa sobre a paternidade na contemporaneidade visto que a diversidade dos atuais arranjos familiares (famílias divorciadas, famílias recasadas, produções independentes, homens que possuem a guarda dos filhos, entre outras) vem provocando uma redefinição na concepção e também no exercício dos diversos papéis a serem desempenhados na família e na sociedade.

O objetivo desta pesquisa é conhecer a avaliação que os pais fazem de si mesmos quanto ao exercício da paternidade frente às demandas da sociedade atual, visto que o papel parental é fator fundamental no desenvolvimento dos filhos.

A sua participação neste estudo envolverá o fornecimento de informações sobre você e sua família, além de alguns aspectos e percepções sobre a sua ótica da paternidade. Para que isto possa ser feito, você terá que preencher um questionário, no qual as informações nele contidas serão tratadas confidencialmente. Como participante desta pesquisa, você poderá desistir de colaborar em qualquer momento, se assim o desejar, sem nenhum prejuízo ou comprometimento futuro para você. Sinta-se à vontade para fazer qualquer pergunta ou pedir esclarecimento antes de decidir.

Eu, _____, fui informado dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada. Recebi informações dos procedimentos envolvidos e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão, se eu assim desejar. Fui certificado de que todos os dados desta pesquisa são confidenciais e que terei liberdade de retirar meu consentimento de participação na pesquisa, se assim o desejar.

Caso tenha novas perguntas sobre este estudo, as responsáveis pela pesquisa são a Prof.^a Dr.^a Adriana Wagner e a Psicóloga Ana Cristina Pontello Staudt, com as quais poderá entrar em contato pelo telefone 33203633 (ramal 224), para qualquer pergunta sobre os seus direitos como participante deste estudo. Poderá chamar também por outra pessoa que trabalhe nesta pesquisa.

Declaro que recebi cópia do presente termo de consentimento.

_____	_____	_____
Assinatura do participante	Nome	Data

_____	_____	_____
Assinatura do pesquisador	Nome	Data

ANEXO 4 – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP - PUCRS



Ofício nº 1157/05-CEP

Porto Alegre, 05 de dezembro de 2005.

Senhor(a) Pesquisador(a)

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa intitulado: "Novos tempos, novos pais? A concepção de paternidade na contemporaneidade".

Sua investigação está autorizada a partir da presente data.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Caio Coelho Marques
COORDENADOR EM EXERCÍCIO

Ilmo(a) Sr(a)
Mest Ana Cristina Pontello Staudt
N/Universidade